

Levantamento Etnobotânico Das Plantas Medicinais Usadas Por Um Grupo De Idosos E De Gestantes/Lactantes Na Cidade Anápolis/GO

Vitória Maria de Oliveira ¹(IC)*, Micael Gomes Siqueira, Bruno Lemos, Larissa Batista da Silva¹, Lucas Leonardo da Silva¹, Luis Alves Pereira Júnior; Cristiane Almeida da Fonseca do Espírito Santo, Andreia Juliana Rodrigues Caldeira²(PQ).

E-mail: viihqee@live.com

Universidade Estadual de Goiás- CCET- Anápolis¹, Universidade Estadual de Goiás- CCET- Anápolis².

Foram entrevistados idosos e gestantes no Sistema público de saúde da Cidade de Anápolis. Ao todo foram entrevistadas 25 gestantes e 55 idosos. A maioria das mulheres entrevistadas (85%) eram naturais da cidade de Anápolis e estavam na primeira ou segunda gravidez (71%). O consumo de plantas medicinais em algum período de suas vidas foi presente em 87% das entrevistadas. Porém, o uso ocorria em função de alguma doença específica. Ao todo, 26 vegetais foram citados e as espécies mais utilizadas foram: erva-cidreira, boldo, erva-doce e camomila. O conhecimento das ações das plantas partia de indicações de familiares principalmente da mãe ou avó (78%). Normalmente as entrevistadas adquiriam as plantas em hortas próprias (46%) ou compravam (32%). Quanto aos idosos a maioria apresentou idade entre 61 a 70 anos. 63,3% são do sexo feminino e 36,3 % do sexo masculino. 12,7% dos entrevistados não procuram informações sobre o uso de plantas medicinais e 21,8% pedem ajuda a amigos/vizinho-familiares, Sobre quem recomendou o uso (1,8%) disseram por indicação médica, (1,8%) indicação médica, familiar e terceiros, (1,8%) indicação de farmacêuticos, (1,8%) raizeiros, (10,9%) costume familiar, (1,9%) costume familiar e costume cultural, (1,8%) costume familiar e indicação de terceiros, (23,6%) indicação de terceiros, (1,8%) terceiros e meios de comunicação. Pode se observar, a partir dos dados, que mesmo com a medicina moderna o número de pessoas adeptos a medicina natural cresce a cada dia e que a falta de orientação misturada com os conhecimentos populares aumenta os riscos da automedicação. Assim, o levantamento Etnobotânico é um estudo essencial para a área farmacêutica e Biológica, uma vez que revela, a partir de relatos populares, o real nível de consumo de plantas e os principais tratamentos realizadas com as mesmas.

Palavras-chave: Uso de plantas medicinais. Automedicação. Diversidade da fauna brasileira.

Introdução

No Brasil o consumo de fitoterápicos aumenta a cada dia com a divulgação de dados transmitidos pela imprensa referente aos trabalhos científicos que demonstram algum efeito preventivo ou terapêutico. Tais informações, em conjunto com a dita medicina popular, geram uma tendência na população de interpretar que plantas medicinais não são prejudiciais à saúde por não serem tóxicas (FUKUMASU, et. al., 2008). Fitoterápico, é o medicamento obtido empregando-se exclusivamente matérias-primas ativas vegetais, preparados com substâncias ativas presentes na planta como um todo, ou em parte dela, na forma de extrato total. São caracterizados pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso, como também pela constância de sua qualidade. Sua eficácia e segurança são validadas através de levantamentos etnofarmacológicos de utilização, documentações tecnocientíficas em publicações ou ensaios clínicos fase (ANVISA, 2016; OMS, 2016).

Vários estudos relatam o uso das plantas medicinais, sobretudo no contexto comunitário, cenário onde crenças e valores relativos ao cuidado com a saúde, inclusive o uso dos fitoterápicos, estão profundamente arraigados. Trata-se de práticas embasadas em conhecimentos transmitidos de uma geração a outra, nos âmbitos familiares e sociais, e permanecem restritas aos membros do grupo cultural onde são desenvolvidas (CEOLIN, 2011; FEIJÓ, 2012; ZUCCHI et al., 2012). Um dos fatores que contribui para a larga utilização de fitoterápicos no Brasil, é o grande número de espécies vegetais encontradas no país. No entanto, este potencial para a descoberta de plantas como fonte de novas drogas é pobremente explorado ou regulamentado, contrastando com o que ocorre em países como Alemanha, Estados Unidos e Canadá (SOUSA, et al., 2008; BORBA; MACEDO, 2006). O Brasil é considerado o país com a maior biodiversidade do planeta, com mais de 55 mil espécies nativas distribuídas em seis grandes biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas (áreas de floresta subtropical). Embora a biodiversidade brasileira seja impressionante, estudos indicam que ela é, sem dúvida, mais notável do que nós sabemos atualmente (EMBRAPA-CENARGEN, 2010). Ainda há carência de estudos voltados para a identificação de plantas úteis dos ecossistemas Brasileiros. É preciso considerar que os recursos naturais oferecidos por ele, uma vez extintos, estarão indisponíveis às futuras gerações (MYERS et. al., 2000). Nos últimos vinte anos no Brasil, o número de informações sobre plantas medicinais teve tímido crescimento. Isso mostra que em um país

biologicamente tão rico, mas com ecossistemas tão ameaçados, pesquisas com plantas medicinais devem ser incentivadas. Afinal, elas poderiam levar à reorganização das estruturas de uso dos recursos naturais e à elevação do PIB, visto que há grande tendência mundial de aumento na utilização de fitoterápicos.

Gestantes e lactantes culturalmente recorrem ao uso de plantas medicinais, por acreditarem que não causam danos ao feto ou ao bebê. A finalidade do uso é inúmera: emenagogas, laxantes estimulantes, contra enjoos, estimulantes do sistema nervoso central (SNC), antidepressivo, ansiolíticos e abortivos. Os fitoterápicos tiveram uso crescente entre os idosos e há uma carência de informações acerca dessa temática na população idosa. A coleta de dados referente ao uso de plantas medicinais possibilita avaliar os benefícios quanto ao seu uso racional, os riscos recorrentes a automedicação, bem como possibilita a identificação de plantas em potencial para futuros estudos. Nessa perspectiva, o presente trabalho é de grande contribuição científica uma vez que conhecer o perfil das plantas medicinais usadas por gestantes/lactantes e idosos contribuirá com futuros programas de esclarecimento para a população em geral, bem como programas de educação continuada para profissionais de saúde. Será possível criar um acervo das principais plantas medicinais citadas pelo grupo estudado, contribuindo assim para programas de uso sustentável de espécies vegetais.

Material e Métodos

Foram entrevistados idosos e gestantes no Sistema público de saúde da Cidade de Anápolis. Ao todo foram entrevistadas 25 gestantes e 55 idosos. O questionário foi aplicado e respondido individualmente por cada paciente. Foram entrevistadas pessoas, independente da raça, credo, fator socioeconômico, ou local de moradia, com idade acima de 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa, bem como apenas aqueles que estavam em condição emocional, física e mental para responder o questionário e de acordo com o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados foram posteriormente correlacionados com a literatura por meio de revisão bibliográfica de livros e artigos científicos. Os artigos científicos publicados via internet foram selecionados por diferentes bancos de dados como PubMed, BVS, Scielo, LILACS, NCBI, entre outras. Quanto aos livros foram utilizados todos aqueles

encontrados da área de Saúde que contenham informações relevantes sobre o assunto em questão. Foi realizada busca por documentos oficiais divulgados por órgãos como o Ministério da Saúde (MS), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), Organização Mundial da Saúde (OMS), dentre outros, sendo estes documentos impressos ou tele matizados.

Os dados obtidos foram tratados de forma qualitativa e quantitativa. Para a análise quantitativa foi utilizado, a princípio, conversões em forma de porcentagem para realizar a análise estatística dos dados obtidos por meio do questionário aplicado. Então, fez-se uso do software Microsoft Excel2010 para realizar a estatística básica, tabulação, porcentagem e confecção dos gráficos empregados nos resultados e discussões. Em relação à análise qualitativa, os dados obtidos foram confrontados com o referencial teórico para serem analisados e interpretados.

Resultados e Discussão

Quanto as gestantes:

A maioria das mulheres entrevistadas (85%) eram naturais da cidade de Anápolis e estavam na primeira ou segunda gravidez (71%). A maioria também havia concluído o ensino fundamental (45%), tinham uma arrecadação mensal de um a dois salários mínimos em que o principal contribuinte era o seu companheiro ou marido (70%). O consumo de plantas medicinais em algum período de suas vidas foi presente em 87% das entrevistadas. Porém, o uso ocorria em função de alguma doença específica. Com relação às formas de utilização das plantas medicinais, as grávidas relataram utilizá-las principalmente na forma de chá ou xarope. Em relação à parte da planta utilizada para o seu consumo, as grávidas relataram que utilizavam as folhas (71%), cascas (11%), raízes (11%) e flores (3%). Ao todo, 26 vegetais foram citados e as espécies mais utilizadas foram: erva-cidreira, boldo, erva-doce e camomila. O conhecimento das ações das plantas partia de indicações de familiares principalmente da mãe ou avó (78%). Normalmente as entrevistadas adquiriam as plantas em hortas próprias (46%) ou compravam (32%). Quando questionadas sobre a segurança do uso de plantas medicinais na gravidez, a maioria (52%) respondeu que usam apenas chás, pois esses são mais naturais. Uma parcela das entrevistadas respondeu não usar, pois “poderia ser perigoso” e “preferiam não arriscar”, contudo “não tinham ideia dos reais riscos de consumir extratos de plantas

durante a gravidez”. Percebeu-se o desconhecimento do uso racional de plantas medicinais na gravidez, o que pode resultar em um risco epidemiológico para acometimento de teratogênica e aborto na gravidez. Isso sustenta a necessidade de praticar educação em saúde com esse grupo, a fim de diminuir as possíveis causas de uso abusivo das plantas medicinais.

Quanto aos idosos:

Em relação à idade (67,2 %) tem idades de 61 a 70 anos, (23,6 %) dos pacientes tem idades de 71 a 80 anos, (7,2 %) tem idade de 81 a 90 anos e (1,8 %) com idade acima de 90 anos. Dos pacientes entrevistados (63,3%) são do sexo feminino e (36,3 %) do sexo masculino. 100% são brasileiros, residentes principalmente em Anápolis e cidades vizinhas. Em relação à escolaridade (18,1%) são analfabetos, (7,2%) são alfabetizados, (32,7%) possuem ensino fundamental incompleto, enquanto que (12,7%) possuem ensino fundamental completo, (3,6%) possuem ensino médio incompleto, (20%) tem ensino médio completo, (5,4%) possuem ensino superior completo. Em relação ao uso de plantas medicinais (21,8%) alegaram que não utilizam (25,4%) alegaram que sim, (30,9%) alegam que as plantas por serem naturais não fazem mal, (7,2%) alegam que por serem naturais não fazem mal e alegam que fazem menos mal que os medicamentos industrializados, (7,2%) acreditam que não fazem mal e inclusive fazem menos mal que os medicamentos industrializados, (7,2%) acreditam que podem fazer tão mal quanto um medicamento industrializado, (1,8%) acreditam que podem fazer mais mal que um medicamento industrializado.

(12,7%) do entrevistados não procuram informações sobre o uso de plantas medicinais, (3,6%) sim, pedem ajuda ao médico, (21,8%) sim, pedem ajuda a amigos/vizinho-familiares, (3,6%) pedem ajuda a amigos/vizinho-familiares e por meios de comunicação, (1,8%) pedem ajuda a amigos/vizinho-familiares e ajuda a raizeiro, (9%) pedem ajuda a um raizeiro. Sobre o porquê de utilizar plantas medicinais (34,5%) porque acreditam que as plantas podem curar, (1,8%) porque acreditam que as plantas podem curar amenizar os efeitos adversos e diminuir os sintomas da doença, (1,8%) porque acreditam que as plantas podem curar amenizar os efeitos adversos, diminuir os sintomas da doença e para auxiliar na quimioterapia, (1,8%) amenizar os efeitos adversos do tratamento. Sobre quem recomendou o uso (1,8%) disseram por indicação médica, (1,8%) indicação médica, familiar e terceiros,

(1,8%) indicação de farmacêuticos, (1,8%) raizeiros, (10,9%) costume familiar, (1,9%) costume familiar e costume cultural, (1,8%) costume familiar e indicação de terceiros, (23,6%) indicação de terceiros, (1,8%) terceiros e meios de comunicação. Sobre onde adquirem as plantas medicinais que usam (9%) disseram com vizinhos, amigos ou familiares; (1,8%) disse com vizinhos, amigos ou familiares ou no quintal de casa, (5,4%) disseram com vizinhos, amigos ou familiares ou no quintal de casam, (1,8%) disseram com vizinhos, amigos ou familiares ou no quintal de casa e em lojas de produtos naturais, (18,1%) no quintal de casa, (1,8%) no quintal de casa e em supermercados, (3,6%) disseram no quintal de casa e com raizeiros, (3,6%) disseram em lojas de produtos naturais, (1,8%) disseram em supermercados, (1,8%) disseram outros. Sobre divulgar as plantas medicinais (14,5%) disseram não, (12,7%) disseram sim apenas para tratamentos contra a enfermidade que tenho, (20%) disseram sim, para tratamentos em geral e (1,8%) Sim, tanto para tratar as doenças em geral como a que estou tratando. Para quem divulga as plantas medicinais (5,4%) disseram que divulgam para familiares, (3,6%) disseram que divulgam tanto para familiares quanto para amigos, (3,6%) disseram que divulgam tanto para familiares, amigos e vizinhos, (5,4%) disseram que divulgam tanto para familiares, amigos, vizinhos e pacientes do hospital, (1,8%) divulgam para familiares e amigos, (5,4%) disseram que divulgam tanto para familiares, amigos e vizinhos, (5,4%) que divulgam tanto para familiares, amigos, vizinhos e pacientes do hospital, (1,8%) disseram que divulgam apenas para amigos, (1,8%) divulgam para amigos e pacientes do hospital, (1,8%) somente para amigos do hospital. Sobre compartilhar plantas medicinais do seu uso com vizinhos, familiares, amigos ou conhecidos (34,5%) disseram sim, (7,2%) disseram não. No caso de usar plantas medicinais que não são de cultivo próprio, sobre conhecer o meio de onde são retiradas (21,8%) disseram sim, (25,4%) disseram não. Sobre a preocupação com a preservação do meio de onde são retiradas as plantas medicinais (30,9%) disseram que sim, (16,3%) disseram não.

Considerações Finais

Com esse estudo realizado pode se observar que mesmo com a medicina moderna o número de pessoas adeptos a medicina natural cresce a cada dia e o consumo entre gestantes e idosos é grande. A falta de orientação misturada com os conhecimentos populares aumenta os riscos da automedicação. O levantamento

Etnobotânico é um estudo essencial para a área farmacêutica e Biológica, uma vez que revela, a partir de relatos populares, o real nível de consumo de plantas e os principais tratamentos realizadas com as mesmas. Além disso, possibilita-se entender a dinâmica da automedicação relacionada ao consumo de plantas medicinais. Esses dados poderão ser usados para orientar a população sobre os riscos de se usar compostos fitoterápicos e auxilia também a área farmacêutica demonstrando espécies que podem possuir compostos com caráter medicinal.

Agradecimentos

A Universidade Estadual de Goiás- CCET- Anápolis, que a cada dia se empenha no fomento a pesquisa científica no estado de Goiás através da bolsa PIBIC/UEG.

A Professora e Doutora Andreia Juliana Rodrigues pela orientação no decorrer do projeto.

Aos meus pais por sempre acreditaram no meu potencial e a Deus.

Referências

BORBA, A, M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta bot. bras.**, 20(4): 771-782. 2006.

MENDONÇA, R.C.; FELFINI, J.M.; WALTER, B.M.T. Flora vascular do cerrado. In: Sano S.M.; Almeida, S.P. Cerrado, ambiente e flora. Planaltina: Embrapa/CAPC, p. 289-556, 1998.

SOUSA, F, C, F.; MELO, C, T, V.; CITÓ, M, C, O.; FÉLIX, F, H, C.; VASCONCELOS, S, M, M.; FONTELES, M, M, F.; FILHO, J, M, B., VIANA, G, S, B. Plantas medicinais e seus constituintes bioativos: Uma revisão da bioatividade e potenciais benefícios nos distúrbios da ansiedade em modelos animais. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 18(4): p. 642-654, Out./Dez. 2008.

SOUZA, C, D.; FELFILI, J, M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta bot. bras.**, 20(1): 135-142. 2006. ANVISA. Fitoterápicos, 2016. Disponível em :
<http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/fitoterapicos/poster_fitoterapicos.pdf>. acessado em 28 de março de 2016

RESOLUÇÃO-RDC Nº. 48, DE 16 DE MARÇO DE 2004, no <http://e-legis.anvisa.gov.br> ; Acesso 30 de março de 2016.